

ENTREVISTA COM

RENATO COHEN

por Cristiane Bouger*

Em entrevista concedida por e-mail em abril de 2001, Renato Cohen – encenador, pesquisador da performance e autor de Performance como Linguagem e Work in Progress na Cena Contemporânea – fala sobre as opções estéticas na criação da iluminação de seus espetáculos e discute a utilização de uma luz que transcenda o nível do significado. A entrevista foi ilustrada com fotografias de Renato Cohen e do espetáculo KA, graças à gentil colaboração de Camila Cohen, Lúcio Agra e Samira Br.

Cristiane Bouger – Quando falamos em teatro contemporâneo, falamos em polifonias, justaposições, sobreposições, colagens e transculturalismos. As reformulações conceituais e práticas que a ciência, a história e a filosofia nos trouxeram, influenciaram diretamente as manifestações signíficas no teatro, e isso se faz notar no uso da sonoplastia, cenários, figurinos, estética de interpretação e dramaturgia. No entanto, qual lhe parece ser o lugar da iluminação dentro deste contexto contemporâneo, seja no teatro ou na performance?

Renato Cohen – Penso que a luz, evidentemente, não é contorno do espetáculo e sim um dos focos da criação. Você pode ter uma luz que estetiza o espetáculo (não acho bom) ou uma luz que seja vital para o espetáculo, uma luz interna, orgânica, que pulse conforme o fenômeno em estudo. Várias experiências de performance e teatro contemporâneo foram feitas buscando o escuro, as camadas de luz, a luz não artificial, uma luz que vem dos próprios aparelhos de TV – em Nan June Paik –, basicamente uma luz que não se preocupe em iluminar, revelar, mas que seja sincrônica e orgânica com o evento. Eu, pessoalmente, tenho tentado focos de luz, que escapem aos PCs, e spots teatrais,



Renato Cohen em foto retirada do programa do espetáculo *Vitória sobre o Sol*. Foto: Rosael.

muito marcados a esse contexto, buscando luzes brancas, da fotografia, rebatimentos, etc.

CB – Como se dava o uso da iluminação em *Magritte – O Espelho Vivo*?

RC – Estávamos trabalhando surrealismo, silent theatre e várias mídias: transitávamos de iluminação de museu (pois lá acontecia) para hologramas, idéia da câmera escura, e muita luz de

slides e da chamada low technology. Trabalhava muito com uma base de luz branca, quase publicitária, e fiz, na época uns experimentos com banhos de luz verde, que acho, colocava as pessoas em outra faixa de percepção. Mas, usávamos, principalmente (isso em 1987) um início das luzes halogêneas, modulares, etc.

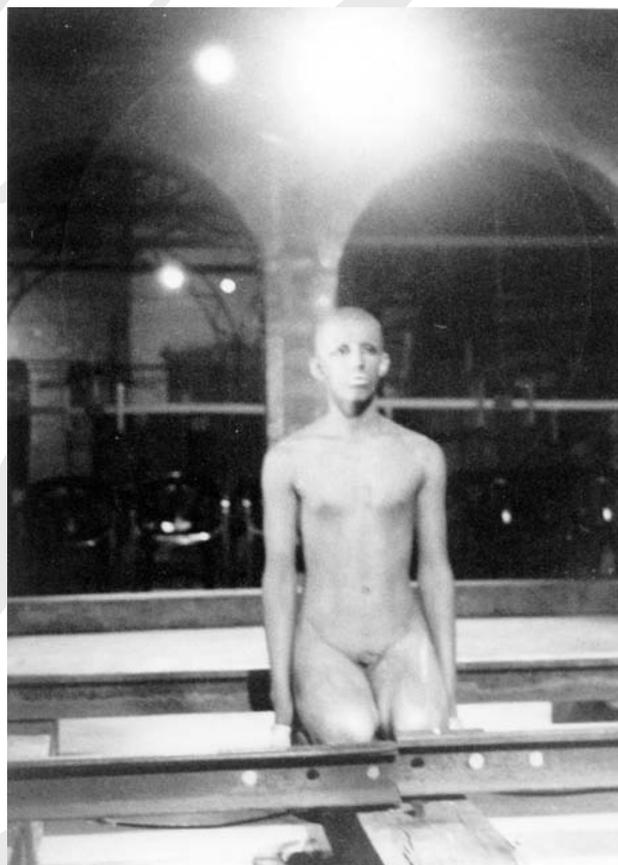
CB – A desestabilização hierárquica entre texto e os demais signos da linguagem cênica é bastante clara em *Work in Progress*. Você consegue conceber o uso da iluminação de forma mais autônoma? Quero dizer, é claro que a transcendência de uma hierarquia não implica necessariamente na aleatoriedade na utilização dos recursos cênicos, mas pensando nos referenciais míticos e de caráter ritualístico que você utiliza em seu trabalho, como você percebe a questão de uma iluminação que não vá apenas ao encontro da figuração de um texto ou à representação de determinado ambiente, por exemplo?

RC – Tenho imagens de um performer americano, que concebe toda sua criação a partir da luz: prismação, refração, saturação... Acho que se pensarmos num contexto de arte cinética, onde luz é movimento, isso acontece naturalmente. Para alguns criadores como Robert Wilson – e também Gerald Thomas –, a luz partitura o espetáculo (*Memória e Invenção: Gerald Thomas em Cena*, da Sílvia Fernandes). Acho legal a diluição entre as artes, por exemplo, propondo uma luz cinematográfica na cena. Como disse antes, te-nho trabalhado em dois extremos: busca de uma luz orgânica, mítica então, quase naïf, que sai do próprio fenômeno e implicaria os movimentos naturais do dia: claro, escuro, penumbra, etc., com pouca ênfase na “teatralização”. Ou seja, deixa o que é verdadeiro e não fica “iluminando” o ator. Desmanchemos um pouco a representação!

Num outro extremo, tenho usado uma luz “tecnológica”, que busca a luminescência das novas mídias. A luz do espetáculo *Dédalus*,

feito em Curitiba, era mais “espetaculosa”, com concepção mais dirigida por Sérgio Penna. Eu fiz a luz do *Tempestade e Ímpeto*, que algumas pessoas aí viram, que tinha muitas penumbras (foi feito no bosque) e luzes jogadas no rosto do espectador.

CB – Sei que talvez pareça estar andando em círculos, mas fazendo um paralelo entre sonoplastia (poderia ser qualquer outro signo) e iluminação, focado na questão da recepção do público: a sonoplastia pode comunicar através do ritmo, harmonia e, conseqüentemente, da ambientação que cria a partir destes dois fatores – e da palavra... Isso já nos leva ao contato direto com uma profusão de referenciais que comunicam e com os quais dialogamos instantaneamente. Como a iluminação trabalha com o sensorial ótico, nossos referenciais estão



Marcial Azevedo em cena do espetáculo *KA*.
 Direção de Renato Cohen, foto de Cassia Aranha.

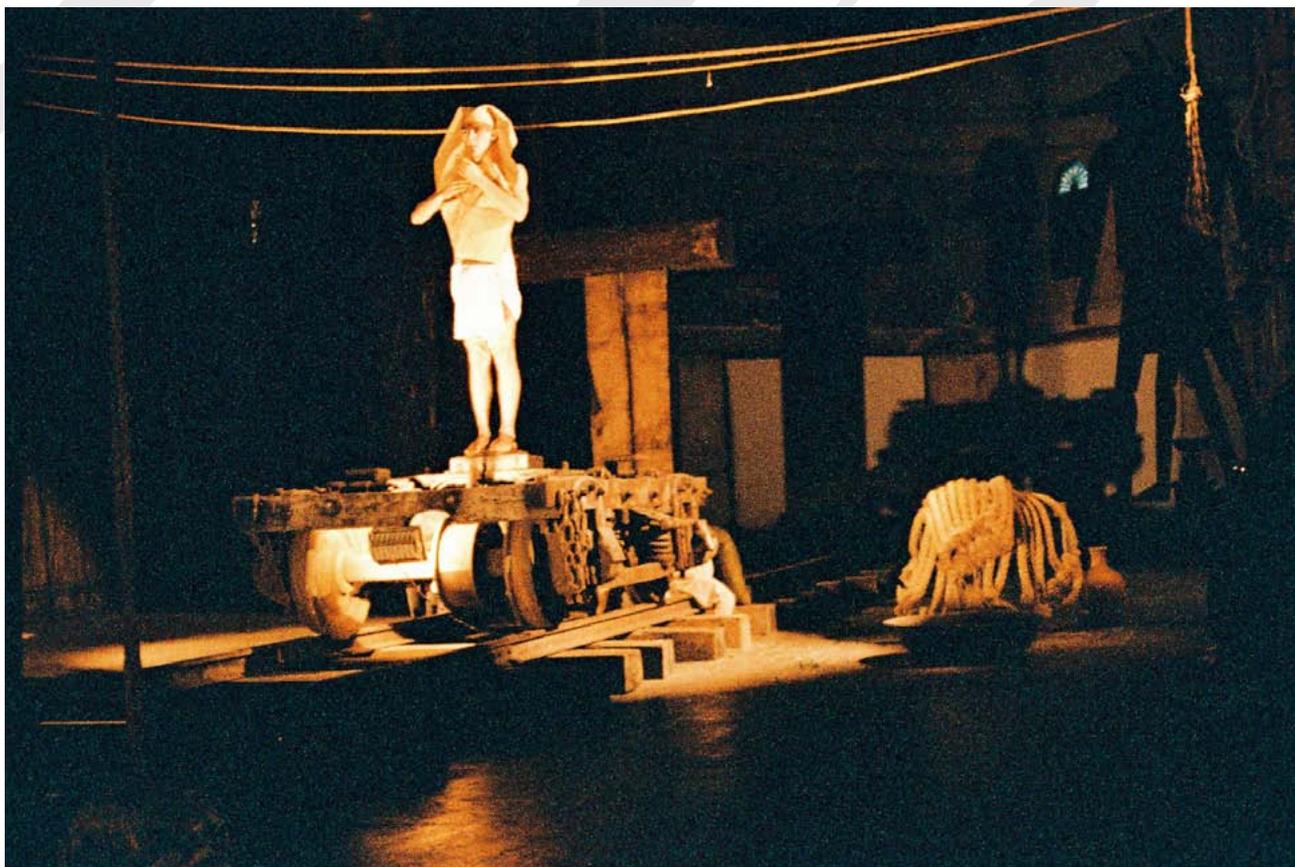
calçados em fatores muito ligados a ambientação ou na simbologia das cores que convencionamos relacionar a determinados estados psicológicos e físicos. Qual a sua concepção sobre a criação de uma “fóton-metáfora” menos restrita, mas que possa ser percebida e que dialogue com a platéia? Você compactua com essa necessidade?

RC – Você está falando de uma luz quântica? Acho que podemos pensar a luz como materialidade mesmo, como um corpo lumínico, que pode ser saturado, prismado, etc. Não deve ser só evidenciada como simbologia de cores ou como partitura de espetáculo. Em outras palavras, uma luz que trabalhe no nível do significante (das letras) e não só do significado (produção de sentido). Experiências assim têm sido feitas nas artes plásticas, em instalações, vídeo-performances, principalmente (veja as produções

de Bill Viola, Peter Greenaway por exemplo), nas que não são tributárias do texto e andam numa linha mais formalista. É importante pensar a luz como tempo. A propósito, fiz uma peça da Gertrude Stein que se chama *Dr. Faustus Lights the Light*, onde fizemos experiências entre a luz elétrica, citada no texto, e a luz computacional dos 3-D animator.

CB – As/os profissionais responsáveis pela criação de luz de suas encenações e performances acompanham o work in process do seu grupo? Isso ocorre a partir de algum momento específico?

RC – Estão desde o começo. No Magritte, foi uma fotógrafa que deu todos os passos para a luz e eu como diretor também assumia a concepção de luz. No espetáculo *Ka*, de caráter xamânico, as



Cena Amenófis, do espetáculo KA. Direção de Renato Cohen, foto de Fernando Petermann.

luzes vieram de nossas experiências em “viagens xamânicas”.

CB – Gostaria que você comentasse um trabalho no qual a iluminação tenha realmente se aproximado do que você queria comunicar enquanto diretor.

RC – Dos meus, alguns que te citei: *Magritte, Tempestade e Ímpeto, Ka, Dr. Faustus*. Gosto da luz do Gerald Thomas, da luz da igreja no espetáculo do Antônio Araújo, e de muitas performances que trabalham com a luz naif, orgânica. Uma referência para mim é o cinema de Tarkovski (veja o livro dele, *Esculpir o Tempo*). Sou inspirado também nos projetos expressionistas, na Bauhaus, etc...

* CRISTIANE BOUGER desenvolve seu trabalho em performance, teatro, vídeo, poesia e escrita crítica. Seus ensaios, artigos e entrevistas já foram publicados em livros, catálogos, jornais e revistas no Brasil (Relâche/Casa Hoffmann, Idanca.net, EDUFBA, Editora Aeroplano), Estados Unidos (Performa Publications, Performa Magazine, Movement Research Performance Journal, American Realness Festival, e Parallel Press/University of Wisconsin), Portugal (Obscena – Revista de Artes Performativas) e no Reino Unido (Routledge – Taylor & Francis Group, The Live Art Development Agency/Oberon Books). Em 2013, traduziu um ensaio de Leonel Brum para o Oxford Handbook of Screendance Studies (Oxford University Press). Em 2012 foi nomeada para concorrer ao prêmio ALICE Award - Artistic Landmarks in Contemporary Experience (Bélgica), na categoria Emerging Critic Award. www.cristianebouger.com



Renato Cohen na juventude. Foto do acervo pessoal de Camila Cohen.